



Mary, Max e Asperger¹

Aryadne Fernanda RONQUI²
Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba, PR

RESUMO

Artigo apresentado à matéria de Trabalho Científico, orientado pela Prof^a Alessandra Lemos, do 6º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. O presente artigo visa uma análise da Síndrome de Asperger representada na animação de 2009, *Mary and Max*. A Síndrome de Asperger é um Transtorno Invasivo de Desenvolvimento e comumente confundido com um tipo de Autismo Funcional. O filme *Mary and Max*, do australiano Adam Elliot, é um *stopmotion* que traz assuntos incomuns para animações. Além de Asperger, também trata de situações como famílias fora do padrão comercial, divórcio, relação homossexual e suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Asperger, Mary, Max, Autismo, Filme, Comunicação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a forma na qual a Síndrome de Asperger é representada na animação *Mary and Max* (2009).

O filme relata o transtorno do personagem Max, um homem de meia idade novaiorquino que passa seus dias fazendo rotinas sistemáticas as quais ele faz exatamente do mesmo jeito, todos os dias, não importando o que aconteça. Max passou por diversas situações pavorosas na infância, tendo enfrentado o abandono do pai e o suicídio da mãe com um tiro na cabeça. Além disso, era perseguido pelos alunos de sua escola por ser judeu e, ainda, apresenta um transtorno que muito depois foi descobrir como a Síndrome de Asperger.

Inesperadamente Max conhece Mary, e eles começam a ter uma relação que Max sempre sonhou e nunca teve: uma amizade. Porém, para um *Aspie* (termo usado pelo próprio personagem para se auto denominar e denominar aqueles quem sofrem da

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Graduanda do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Centro Universitário Internacional Uninter. Email: aryadne.fernanda@gmail.com



Síndrome), ter amizade não é tão simples quanto parece: trata-se de uma relação com questionamentos, com situações delicadas e inusitadas que fazem Max sofrer sérias crises de ansiedade.

Além de Mary, Max tem relação apenas com duas pessoas: sua vizinha, uma senhora idosa e parcialmente cega, e seu médico. Por ser solitário, acaba tendo muitos bichos de estimação: um gato sem olho, um peixe que morre várias vezes³ e três lesmas chamada Einstein, Newton e Hawking.

Durante o filme, percebemos como a Síndrome é relatada e também algumas falhas que não condizem com a realidade: um fato curioso é que Max tem um amigo imaginário. Entretanto, segundo Maria Stela A. A. Bergo (1999) as pessoas com Asperger tem predominantemente o pensamento concreto e não abstrato, ou seja, não costumam fantasiar.

MARY AND MAX

Mary Daisy Dinkle, de 8 anos, é uma garota que vive em Melbourne, na Austrália. Ela mora com a mãe bêbada, e o pai solitário. Aleatoriamente ela escolhe um nome no catálogo para fazer uma pergunta: de onde vem os bebês?

Já Max Jerry Horovitz, tem 44 anos, mora sozinho em Nova York. Ele tem um peixe e gosta de cachorro quente de chocolate. Ele recebe uma carta de uma desconhecida, perguntando de onde vem os bebês. Max sai de sua rotina ao receber a carta de Mary, entrando em crise até que decide responder a carta e assim uma forte amizade, que durará anos, começa.

Mary cresce, se casa e vai para a faculdade. Se especializa em doenças mentais e, ao se formar, escreve uma tese sobre Max sem ele saber. Mas, quando descobre o fato, ele acaba por não gostar disso e para de falar com Mary. Mary vê sua vida desabando diante de si, e num momento de desespero tenta o suicídio. Felizmente ela não consegue se matar e em seguida descobre que esta grávida. Decide visitar Max, que voltou a falar com ela depois de um pedido de desculpas. Ela chega lá e assim como tantas vezes aconteceu com seu peixe, Max está morto.

³ Max tem um peixe chamado Henry. Quando este morre, Max compra outro exatamente igual e lhe dá o nome de Henry II, assim até chegar ao Henry IX.



REPRESENTAÇÃO DE DOENÇAS PELO CINEMA

Transtornos mentais são relatados pelo cinema desde seus primórdios. O filme “O Gabinete do Dr. Caligari”, de 1919, dirigido por Robert Wiene e escrito por Carl Mayer e Hans Janowitz, é sobre um interno de um hospital psiquiátrico apaixonado por outra interna. Dentro de sua cabeça, o diretor do hospital, Dr. Caligari, é um mágico que usa de seus truques para comandar um sonambulo e matar pessoas.

Os distúrbios e transtornos mentais influenciam o cinema, e outras artes, e o mesmo ao contrário. O médico psiquiatra Cláudio Rossi, em seu artigo “Arte e Psicanálise na Construção do Humano”, diz que buscou e encontrou em artistas como Da Vinci, Goethe e Shakespeare aspectos fundamentais para seus estudos. O filme Rain Man (1988) ajudou a divulgar o autismo mais do que todos os artigos científicos escritos sobre o assunto, segundo o neurologista Edson José Amâncio *apud* Elie Cheniaux, Fernandez J. Landeira (2010).

Uma vez que os transtornos mentais façam parte do nosso dia-a-dia, é importante ter um básico de conhecimento sobre eles. De acordo com dados epidemiológicos, de 30 a 40% dos brasileiros apresentam pelo menos uma vez na vida um transtorno mental (Kohn Mello, 2007). Assim, todos conhecem algum parente ou vizinho que tenha sofrido, ou sofre, de algum transtorno, sendo o mais comum a depressão.

O filme “Joana d’Arc”, de 1999, ilustra a Idade Média e sua relação com os portadores de transtornos da época. Joana apresentava desde criança alucinações auditivas, elas diziam que a garota era uma enviada de Deus e tinha uma mensagem do rei dos Céus que dizia que ela tinha que salvar a França dos inimigos. Ela convence o herdeiro do trono, Carlos VII, que lhe dá um exército para combater com os ingleses. Até que quando coroado, Carlos VII prefere a negociação à guerra e passa a reduzir os homens de Joana, fazendo com que ela seja capturada pelos ingleses em uma batalha. Ela é julgada pela Igreja Católica, condenada e queimada viva em 1431, aos 19 anos de



idade. Acredita-se que ela apresentava esquizofrenia ou epilepsia do lobo temporal (Allen e Tinuper *apud* Elie Cheniaux, Fernandez J. Landeira 2010).

Em “As Loucuras do Rei George”, de 1994, retratam a história real dos tratamentos submetidos ao rei inglês George III. Ele tinha um comportamento altamente inadequado e também muito agitado, o monarca é submetido a tratamento com ventosas de vidro que eram colocados nas pernas e costas do rei para drenar os humores do cérebro. No entanto, mesmo depois disso e de ter sido tratado com métodos humanitários (encorajamentos e reforços quando demonstrava algum progresso), o rei melhora de forma subta após interpretar o rei Lear (personagem de Shakespeare de extrema moral).

Já o filme “Um Estranho no Ninho”, de 1975, ajudou a popularizar algumas ideias da antipsiquiatria, que é um conjunto de teorias que se opunha à maior parte das práticas psiquiátricas da época. Michel Foucault *apud* Elie Cheniaux, Fernandez J. Landeira 2010, diz em 1961 que os hospitais psiquiátricos, da mesma forma que os presídios, representam instituições criadas pela sociedade para excluir indivíduos incapazes de se ajustar na ordem social. O filme foi um dos poucos a ganhar os cinco grandes prêmios do Oscar: melhor filme, roteiro adaptado, direção, ator e atriz.

No filme, Randle Patrick McMurphy, interpretado por Jack Nicholson, simula estar louco para não ter que trabalhar na penitenciária onde está preso. Ele é mandado para um hospital psiquiátrico onde é constantemente observado e percebe que a troca não foi tão satisfatória. No hospital ele participa de terapia em grupo e de eletrochoque, onde uma sádica enfermeira humilha os pacientes que não se comportam de acordo com suas regras. Quando essas terapias não surtem efeitos ele passa por uma cirurgia de lobotomia, ficando em estado vegetal. Isso o deixa em um estado deplorável, então seu colega de quarto, julgando que ele estaria melhor morto, o sufoca com um travesseiro.

A lobotomia foi desenvolvida por Antônio Egas Moniz *apud* Elie Cheniaux, Fernandez J. Landeira 2010, e consiste em um corte nas fibras nervosas do cérebro. Esse método se mostrou eficaz no controle do comportamento de pacientes agressivos, porém, mais tarde ficou comprovado que ele causava danos irreversíveis ao cérebro e alterações de personalidade e na afetividade. Esse procedimento foi abandonado em 1950.

No filme “Como se Fosse a Primeira Vez”, 2004, a personagem Henry Roth (Adam Sandler) conhece Lucy Whitmore (Drew Berrymore) e marcam de tomar café juntos no dia seguinte, porém ela não o reconhece. Lucy sofreu um acidente onde bateu



a cabeça e com isso é incapaz de lembrar de qualquer coisa que aconteceu depois do trauma, sua memória é apagada enquanto dorme. Esse quadro é quase totalmente inverossímil, já que a fixação da memória não ocorre apenas no sono, o registro de novos eventos é perdido em questão de minutos. Porém, o personagem Tom dez segundos apresenta um quadro muito mais fidedigno, sua memória de curto prazo se perde em questão de segundos, impedindo ele de se lembrar do que aconteceu antes.

A SÍNDROME DE ASPERGER

A Síndrome de Asperger foi descrita pela primeira vez em 1944 por Hans Asperger (Maria S. A. A. Bergo 1999), um médico alemão. Também chamada ‘desordem de Asperger’ é uma nova categoria de desordem do desenvolvimento.

Suas características principais são:

- Prejuízo severo e persistente na interação social;
- Desenvolvimento de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse e atividades;
- Prejuízo no uso de comportamentos não verbais como contato visual direto, expressão facial, posturas corporais e gestos para regular a interação social;
- Fracasso para desenvolver relacionamentos apropriados ao nível de desenvolvimento com seus pares;
- Ausência de tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas;
- Falta de reciprocidade social ou emocional;
- Insistente preocupação com um ou mais padrões estereotipados e restritos de interesses;
- Adesão inflexível a rotinas e rituais específicos e não funcionais;
- Maneirismos motores estereotipados e repetitivos.
- Insistente preocupação com partes de objetos.

Além de prejuízos nas áreas do uso de linguagem, cognição e comportamento.



Asperger descreve que até os 4 anos de idade, uma criança portadora da síndrome é lúcida e depois disso apresenta vocabulário e gramática muito bons, mas as conversas normalmente giram em volta de si mesmas e seu tom de voz é sem emoção.

Quanto à cognição, os portadores do transtorno são taxados de excêntricos por mostrarem fixação em um determinado assunto, que normalmente não é relativo a sua idade e apresenta uma predominância de pensamentos concretos. Tem certa falta de senso comum, prejudicando ainda mais seu desenvolvimento social. Também podem apresentar dislexia.

Já com relação ao comportamento, os movimentos do portador tendem a ser desajeitados e inconvenientes.

Ainda muito confundida com o Autismo, o que realmente difere um transtorno do outro são as habilidades cognitivas e as funções de linguagens. É geralmente descoberta no período escolar, que é quando a criança começa seu convívio social com mais intensidade e o aprendizado educacional.

Em 1995, Olive Sacks segundo M. S. Bergo (1999) traz uma nova descrição para Asperger, um pouco mais otimista. Eles dizem que acredita-se poder haver certos aspectos positivos e compensatórios nessa síndrome, em muitos casos podendo-se observar uma originalidade particular de pensamento e experiência, particularidades essas que bem poderiam levar o indivíduo a conquistas excepcionais em sua vida adulta.

Ainda em 1995, Stephen Bauer fala sobre outro aspecto preocupante sobre os portadores de Asperger: "Eles tem condições de serem estudantes brilhantes, capazes de completar, com sucesso, seus estudos, inclusive na faculdade e até mesmo em cursos de pós-graduação. No entanto, essas pessoas podem apresentar dificuldades nas interações sociais e nos relacionamentos interpessoais, especialmente, no que reporta a envolvimento amorosos." (*apud* Maria S. A. A. Bergo, 1999)

Assim, um portador da Síndrome de Asperger pode levar sua vida normalmente, e até ter uma carreira de sucesso, mas suas relações sociais nunca serão naturais ou espontâneas.

ANÁLISE DO FILME MARY MAX



A animação de passa no tempo atual (2009), paralelamente em duas cidades, Nova York, nos Estados Unidos e Melbourne na Austrália.

Quando a cena é na cidade Australiana, a imagem tem tons de marrom, que representa o pesar e a melancolia, assim como a resistência. Já em Nova York, a predominância é da cor cinza, ela representa a resignação e a neutralidade, sua associação ao material pode ser feita com a chuva, neblina e edificações. (Farina, Perez e Bastos 2006)

Ao decorrer do filme, percebemos alguns fatos que não fazem jus real ao transtorno de Asperger, como por exemplo:

Max tem um amigo imaginário chamado Ravioli, um senhor de idade que sempre esta sentado em seu banquinho no canto da sala. Esse amigo vai embora quando percebe que Max já não precisa dele ou de sua companhia, pois agora ele tem Mary, uma amiga real. Esse fato mostra uma controvérsia se falando em Síndrome de Asperger, já que os portadores não apresentam pensamento abstrato, apenas concreto. Assim seria impossível um *Aspie* ter amigos imaginários (Maria S. A. A. Bergo, 1999). Em certa altura do filme, temos uma cena fantasiosa onde alguns peixes fumam em baixo da água, assim como o amigo imaginário, esse pensando dificilmente passaria pela cabeça de um portador de Asperger, pelo mesmo motivo.

Max é de uma família judia, então aprendeu a acreditar em Deus desde pequeno, mas ao ler diversos livros biblicos, históricos e filosóficos sobre o assunto, ele passa a ver que Deus é apenas uma invenção, já que sua existência nunca foi provada cientificamente, tornando-se ateu quando adulto. Ele é extremamente apegado na descrição dos objetos e lugares, sempre descreve tudo com muita precisão e paciência. Além disso, apresenta um raciocínio rápido com números e algumas outras habilidades como ler duas páginas ao mesmo, uma com cada olho, habilidade essa que treinou arduamente até conseguir.

Em várias cenas percebemos seu desconforto com multidões, barulhos, luzes e cheiros fortes. Ao sair a rua ele usa protetores auriculares e de narinas para não sentir cheiros ou ouvir as pessoas a sua volta, e assim se manter calmo. Tem o costume de contar as estrelas, os dias e as horas. Tem aversão a mentiras e não consegue lidar com elas, é honesto de todas as formas, seja em suas palavras ou atitudes, o que faz dele uma pessoa não tão agradável de se conviver.

Até os 48 anos de idade, Max não sabia que tinha Asperger, e então tratava de seu "problema" com remédios e tratamento de choque e por duas vezes é classificado



como doente mental. Quando descobre que é portador da Síndrome e entende por que é diferente de todas as outras pessoas, ele gosta disso, gosta de ser um Aspie.

Não é natural de um Aspie não expressar emoções mesmo ela sendo o choro. Como ele não expressa emoções também não sabe reconhecê-las. Quando criança, criou um livro de imagens mostrando emoções, para identificá-las nos outros ou tentar copiá-las. Assim como não conseguia chorar, também não conseguia sorrir e usou algumas fotos de Mary para ajudá-lo.

Sua amizade com Mary a influência de tal maneira que ela vai para a faculdade estudar doenças mentais e chega a fazer uma dissertação sobre Asperger.

Quando Max descobre seu transtorno, numera algumas características neurobiológicas dominante em desenvolvimento dele:

- Acha o mundo confuso e caótico porque a mente é literal e lógica;
- Tem dificuldade em entender as expressões no rosto humano;
- É comum ter uma letra irregular, é hipersensível, e desajeitado;
- Tem dificuldade em expressar emoções.

MARY

Apesar do filme se focar em Max, a personagem Mary também merece seu destaque. Quando garota, ela sofre pelo desacata de seus pais para com ela. Sua mãe é uma alcóolatra que não faz questão de esconder que Mary foi fruto de um acidente e não foi uma filha planejada. Seu pai que trabalha na função de fixar os saquinhos de chá, e tem um vício por taxidermia, assim, passa seu tempo livre dentro de sua sala com seus animais empalhados.

O pai de Mary morre quando ela é ainda adolescente. A mãe, depressiva pela perda e alcóolatra, ingere por acidente uma solução para taxidermia e acaba morrendo também. Mary fica com a companhia apenas de seu vizinho, Damian Popodopoulos, com quem acaba se casando mais tarde.

Vive um período feliz até que ao escrever uma dissertação sobre Max, e achando que ele ficaria feliz em saber, se engana. Ele acaba ficando extremamente irritado e passa anos sem falar com Mary. Nesse meio tempo sua carreira de sucesso como pesquisadora desaba, assim como seu casamento. Ela estava tão interessada em



sua profissão e no seu amigo a distância que esqueceu de sua família, e por isso seu marido a deixa para se casar com um fazendeiro. Após ficar sem marido e sem Max, Mary se vê desolada e, repetindo a imagem da mãe, se torna uma alcólatra e tenta o suicídio. Coincidentemente Max a desculpa, o que a faz desistir do suicídio, por sorte já que também estava grávida, e ir visitar o amigo. Porém, quando ela chega lá, Max tinha acabado de morrer naturalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Mary and Max* nos mostra de forma bastante realista como é a vida de um portador de Asperger, com exceção de alguns aspectos, como o amigo imaginário e o peixe fumante que contradizem as características principais de um Aspie. Porém, no filme não temos apenas a Síndrome de Asperger a ser discutida, temos também a família de Mary, talvez problemática demais mas sem deixar de relatar como grande parte das famílias de hoje em dia vivem, talvez com outros problemas mas da mesma forma. Há também o casamento homossexual entre Damian Popodopoulos, sendo tratado de forma simples e casual em uma animação infantil. E ainda o quase suicídio de Mary, ao perceber que estava totalmente só e tinha perdido até seu amigo a distância.

Assim, o filme retrata, em sua maioria, as principais características de um portador da Síndrome de Asperger. Sem o intuito de ser sensacionalista, já que o filme não foi feito para a grande massa ou chegou a passar nos cinemas e teve um baixo orçamento, *Mary and Max* acaba sendo pouco conhecido, mas de uma valia muito grande. Sua disseminação, provavelmente auxiliaria no conhecimento a Síndrome de Asperger, já que ela é consideravelmente nova e pouco conhecida.



REFERÊNCIAS

BASTOS. D.; FARINA. M.; PEREZ. C.; **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. 5ª Edição. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2006. 189 p.

BERGO. M.S.A.A. **Uma Visão da Síndrome de Asperger Sob o Enfoque de Vygotsky**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Sergipe, n5, v 1, p. 105 – 111.

CHENIAUX, Elie; LANDEIRA, Fernandez J. **Cinema e Loucura: Conhecendo Transtornos Mentais Através dos Filmes**. Edição 1. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ELLIOT, Adam. **Mary and Max**. [Filme]. Produção de Melanie Coombs, direção de Adam Elliot. Austrália, Film Victoria 2009, 1 DVD, 92 minutos, color.

ROBALLO. S. **O Outro Lado da Síndrome de Asperger**. 2001. 142 f. Dissertação (Pós Graduação em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2001.